



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Ecos de uma viúva grávida

Estou em Lisboa, e aqui no bairro do Chiado a cidade é jovem, leve, aparentemente distante da crise europeia. Das taxas, números que preenchem os jornais e que alardeiam a Península Ibérica como epicentro de mais uma etapa na eterna acomodação tectônica do capitalismo.

O dia insiste em perpetuar-se. Às nove da noite (noite?) o céu é de um azul diáfano e o Rocio um convite à contemplação descompromissada. Mais tarde ainda lerei algumas páginas do livro companheiro dessa viagem. O belo *A viúva grávida*, do britânico Martin Amis. O certo é que em breve todos esses estímulos - os jovens do Chiado, as páginas de Amis, o trem para Sintra na manhã anterior - cada um desses instantes irá se misturar na cachola que guarda as minhas ideias. Combinados de sensações, percepções levemente equivocadas e entusiasmo etílico. Em breve, minha pequena história pessoal ganhará mais um capítulo: a viagem a Lisboa.

E o que restará desses dias? Além das lembranças que têm endereço certo?

Sigo de trem para o Porto, e diante da tela em branco um fiapo de ideia insiste em convidar-me a percorrê-lo. O novo Amis trata de sua geração. Os protagonistas da revolução cultural dos anos 1960, vistos em dois momentos cruciais. O de sua afirmação, na passagem para os anos 1970 e em seu futuro, também conhecido como o “aqui agora” que habitamos.

Mais do que nossas histórias individuais, do inventário que

de tempos em tempos nos vemos obrigados a empreender, tentando dar alguma coerência aos nossos atos, é na mediação que fazemos entre nossa geração e às demais que nos justificamos diante de nossa necessidade perpétua de sentido.

E tudo se dá dos modos mais diversos. Da deliciosa sensação de rever o “filme que dizia tudo sobre nós mesmos” e que décadas depois é “incredivelmente melhor do que tudo que se faz hoje” à nossa dificuldade de entender alguns signos contemporâneos. “Ó céus, por que diabo ela furou a língua com aquelas bolinhas de metal?” Pueril, não? Mas a apreensão da cultura se dá a partir de parâmetros. E nossas biografias, essas pequenas historinhas que arquivamos e oferecemos gratuitamente a quem nos pede, também assim são escritas.

Os trens hoje são tão rápidos, não? Mais do que minha capacidade de escrever um artigo. De minha capacidade de entender por que uma viagem para Portugal me dá vontade de falar de gerações. Talvez por sentir na pele um contrassenso.

Faço parte da geração que foi feita para dar em nada. A de jovens brasileiros que cresceu na década perdida, que entrou no mercado de trabalho antes do Plano Real. A que adicionou a Aids ao cardápio de tensões adolescentes. E, aproveitando os dias de Copa, viu Paolo Rossi enterrar nossos sonhos mais perfeitos.

Retornando ao tema de Amis. Quais seriam os dois momentos cruciais desta geração? Se, ao contrário daquela que viveu a catarse dos anos 1960, esta se formou na ausência de perspec-

A morte das formas contemporâneas de ordem social deveria alegrar mais a alma do que perturbá-la

tivas, e agora, como em uma espécie de farsa, recebe o manche de um país redivivo no cenário mundial. Irônico, não? Ver o país que agora parece ter futuro nas mãos daqueles que aprenderam a desacreditar de sua existência.

Se, de fato, é a geração que ocupa momentaneamente o poder que estabelece o temperamento de uma era, imagino que estejamos próximos a vivenciar mais uma das inúmeras bifurcações de nossa história. A quem tudo sempre pareceu negado, como qualquer tragédia grega ou *shakespeariana*, só resta o rancor ou a apatia. Em tempos pragmáticos, como os nossos, que tipo de estratégia nascerá dessa constatação? Quais práticas surgirão dando formas novas, ou, simplesmente recuperando, perpetuando hábitos antigos?

E na cultura, como serão nossas representações? Quais serão as escolhas que balizarão a criação de filmes, livros, canções? O que se fará com nosso passado, com o imaginário tropical *caliente* que aprendemos a mimetizar nas últimas décadas? O discurso que irá amparar nossas promessas internacionais e nossas novas demandas internas haverá de se chocar com esse passado? Saberão co-habitar o mesmo espaço nossa história e nossos projetos e fantasias? Questões demais, mais rápidas do que o trem que liga as principais cidades portuguesas.

Pouco mais de quinhentos anos depois de alcançarem a América, saídos do Tejo, hoje os portugueses parecem distantes dos nossos estereótipos mais arraigados. Da torre de

Belém, mais do que a promessa de um novo mundo, os olhos são capturados por um bairro belo e repleto de signos contemporâneos. Iates, hotéis-boutiques, acervos de uma arte recém-produzida. O antigo mito português, reinventado, já pertence a uma nova história. A cidade antes feita para o olhar de quem se aproximava pelas suas águas, agora olha para dentro ou de lado, ocupando novas áreas costeiras. Gerações e gerações foram açodadas em seu itinerário para que se pudesse criar um novo ciclo histórico.

E por aqui, quantas gerações serão necessárias para criar um novo Brasil? Para que os mitos fundadores dessa nação ganhem nova forma, novas interpretações? Para que, enfim, o país tenha um projeto original, coerente com suas heranças e desejos?

Já estamos próximos a Gaia e me aventuro a imaginar-me o último dos argonautas. Em breve haverá o Porto acinzentado. Depois o Atlântico, enfim o Brasil. Mas ainda não. Perdido num turbilhão de ideias frágeis, imerso na sombra das leituras recentes, alcanço a plataforma ainda sem respostas, repetindo para mim mesmo a frase do pensador russo Alexander Herzen que abre o livro de Amis: *“A morte das formas contemporâneas de ordem social deveria alegrar mais a alma do que perturbá-la. O assustador, porém, é que o mundo que parte deixa atrás de si não um herdeiro, mas uma viúva grávida. Entre a morte de um e o nascimento de outro, muita água correrá, uma longa noite de caos e de desolação há de passar.”* †